



FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA DA BAHIA - FACITE
GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

KENNEDY TIERRY ESCOBAR FIGUEREDO

A AUTOMEDICAÇÃO EM PROFISSIONAIS E ACADÊMICOS DA SAÚDE NO
BRASIL E FATORES ASSOCIADOS: REVISÃO INTEGRATIVA

SANTA MARIA DA VITÓRIA - BA

2023

KENNEDY TIERRY ESCOBAR FIGUEREDO

**A AUTOMEDICAÇÃO EM PROFISSIONAIS E ACADÊMICOS DA SAÚDE NO
BRASIL E FATORES ASSOCIADOS: REVISÃO INTEGRATIVA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Enfermagem, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Enfermagem da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Bahia - FACITE.

Orientadora: Paula Rayanne Lopes de Carvalho Aninger.

SANTA MARIA DA VITÓRIA - BA

2023

F475

Figueiredo, Kennedy Thierry Escobar

A automedicação em profissionais de saúde e acadêmicos no Brasil e fatores associados : revisão integrativa / Kennedy Thierry Escobar

Figueiredo. – 2023.

26f.

Orientador (a): Prof.^a Ma. Paula Rayanne Lopes de Carvalho Aninger.

TCC (Graduação) apresentada ao curso Bacharel em Enfermagem da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Bahia FACITE – Santa Maria da Vitória, 2023.

1. Automedicação 2. Profissionais de enfermagem 3. Medicamentos – Utilização I. Aninger, Paula Rayanne Lopes de Carvalho. II. Título.

CDD 615.58

KENNEDY TIERRY ESCOBAR FIGUEREDO

A AUTOMEDICAÇÃO EM PROFISSIONAIS DA SAÚDE NO BRASIL E FATORES
ASSOCIADOS: REVISÃO INTEGRATIVA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Graduação em Enfermagem,
como requisito para obtenção do título de
Bacharel em Enfermagem da Faculdade de
Ciências e Tecnologia da Bahia - FACITE.

Aprovado em: / / .

Banca Examinadora:

Prof(a). Paula Rayanne Lopes de Carvalho Aninger
Orientadora – FACITE

Prof(a). Elizana Santana da Silva
Especialista em Gestão em Saúde e Saúde Pública
FACITE

Prof(a). Denise Alves Benjamin
Especialista em Enfermagem Obstétrica
FACITE

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por todos os obstáculos vencidos e a iniciativa guiada por ele na decisão de qual caminho seguir na escolha da graduação de enfermagem. Em segundo lugar agradeço aos meus pais Ailton e Mira Escobar que sempre me incentivaram, dando força e apoio para prosseguir nos estudos, devo essa minha trajetória a eles, com exemplos e ensinamentos de honestidade e força.

Um muitíssimo obrigado por todo apoio que tive da minha tia pedagoga, Adelucia Lima de Figueredo, que sempre esteve presente, me apoiando e incentivando, a minha namorada Fernanda Dourado, que sempre me ajudou e aconselhou, uma bela psicóloga que sempre esteve ao meu lado nas alegrias e tristezas, acreditando nos meus sonhos, nas certezas e incertezas; pelo amor, carinho e compreensão.

Agradeço a todos aos colegas que conheci em todos os semestres, especialmente aos meus amigos e companheiros de estágio I e II, desde a Atenção Básica até a Urgência e Emergência, que foram eles Vitor Alves, Lorena Nery e Eurrane. Aos professores e supervisores de campo, Lucas Cayque Alves dos Anjos e Elizana Santana da Silva, por todos os ensinamentos perante o estágio supervisionado por vocês.

Aos funcionários desta instituição, ao seu corpo docente pela oportunidade de me propiciar grandes conhecimentos e habilidades; todos vocês contribuíram para que eu avançasse sempre, além de sempre ajudarem quando era preciso e que confiaram na minha capacidade muitas vezes mais do que eu mesmo.

À minha orientadora prof.(a) Paula Rayanne Lopes de Carvalho Aninger, pelo excelente suporte no pouco tempo que lhe coube, pela admirável orientação prestada e por toda dedicação e desempenhado com dedicação e amizade e que esteve presente comigo desde o início da faculdade.

Por fim, o meu muito obrigado a aqueles que direta ou indiretamente participaram desta etapa de formação na minha vida. A todas as pessoas com quem convivi durante todos esses anos de curso, que me incentivaram e que certamente tiveram impacto na minha formação acadêmica.

Seja o(a) enfermeiro(a) que você quer como paciente.

“O verdadeiro Enfermeiro é aquele(a) que ama com o coração,
observa com os olhos, toca com as mãos e auxilia com sabedoria”.

Reinaldo Cantalicio.

A AUTOMEDICAÇÃO EM PROFISSIONAIS DA SAÚDE NO BRASIL E FATORES ASSOCIADOS: REVISÃO INTEGRATIVA

**KENNEDY TIERRY ESCOBAR FIGUEREDO
PAULA RAYANNE LOPES DE CARVALHO ANINGER**

RESUMO: Neste estudo, a proposta é investigar as evidências disponíveis na literatura nacional sobre a automedicação entre profissionais e acadêmicos de saúde no Brasil e os fatores correlacionados. Foi implementada uma Revisão Integrativa da Literatura, consultando-se Google Acadêmico, Scielo, BVS, com ênfase em pesquisas e artigos científicos, Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) e Relatórios Técnicos de Pesquisa publicados em português e de origem brasileira, no período de 2020 a 2023. A revisão destes artigos possibilitou constatar que a automedicação é uma prática comum e aceita entre profissionais da saúde, e que apresentou grandes prevalências. Observou-se que o uso de medicamentos sem necessidade de prescrição foi mais acentuado entre farmacêuticos e profissionais de enfermagem. As prevalências foram maiores entre profissionais mais jovens e com nível de escolaridade superior. A automedicação foi principalmente estimulada por sintomas de dor de cabeça, e os medicamentos mais utilizados foram analgésicos. A análise realizada identificou algumas lacunas, principalmente relacionadas à compreensão dos aspectos laborais associados à automedicação e os impactos dessa prática na saúde dos profissionais. Ficou evidente a necessidade de um estudo mais aprofundado sobre os fatores desencadeantes da automedicação e que se comece a discutir sobre a automedicação desde o período de graduação dos estudantes.

PALAVRA-CHAVE: Automedicação. Profissionais de enfermagem. Medicamentos sem prescrição. Risco.

ABSTRACT: In this study, the proposal is to investigate the evidence available in the national literature on self-medication among health professionals in Brazil and the correlated factors. An Integrative Literature Review was implemented, consulting Google Scholar, Scielo, BVS, with emphasis on research and scientific articles, Course Completion Works (TCC) and Technical Research Reports published in Portuguese and of Brazilian origin, from 2020 to 2023. The review of these articles made it possible to verify that self-medication is a common and accepted practice among health professionals, and that it presented high prevalence. It was observed that the use of over-the-counter drugs was more pronounced among pharmacists and nursing professionals. Prevalences were higher among younger professionals with a higher education level. Self-medication was mainly stimulated by headache symptoms, and the most used drugs were analgesics. The analysis carried out identified some gaps, mainly related to the understanding of work aspects associated with self-medication and the impacts of this practice on the health of professionals. It became evident the need for a more in-depth study on the triggering factors of self-medication and that discussions about self-medication start from the students' graduation period.

KEYWORDS: Self-medication. Nursing professionals. Over-the-counter medications. Risk.

1 INTRODUÇÃO

A prática da automedicação caracteriza-se pelo consumo de medicamentos por iniciativa própria e sem a devida orientação médica. Essa ação é paliativa, minimizando sinais e sintomas, mas muitas vezes não abordando a raiz do problema, podendo até piorar a condição de base. A automedicação é um fenômeno potencialmente perigoso para a saúde individual e coletiva, pois nenhum medicamento é totalmente seguro.

A automedicação é a prática irregular de um cidadão em se auto prescrever, quando torna de fato o ato de decidir tomar uma medicação por conta própria ou indicada por alguém, com maiores ocorrências de uso oral como uma medicação para dor de cabeça e afins, onde fazer uso desse fármaco sem prescrição de um profissional médico ou sem supervisão de alguma outra classe capacitada e autorizada, se torna um ato irregular, o Artigo 25 do Decreto 20.931 de 11/01/32 deixa claro que é crime prescrever medicamentos sem ter responsabilidade técnica para isso independente de quão simples for essa medicação (BRASIL, 1932).

Sendo considerada uma causa muito comum e mais ocorrente na saúde pública, tem sido bastante verificada no cotidiano a advir muitas pessoas em todo mundo, de causa multifatorial e que agrava o risco de desenvolver doenças, às vezes se automedicar pode trazer consequências mais graves do que se imagina, algo que era para servir como “alívio” rápido, será fruto para reações em causas adversas, podendo até mesmo desenvolver um quadro alérgico e não de tempo chegar em um pronto socorro.

A prática da automedicação vem aumentando sobremaneira, ela se mostra crescente principalmente entre profissionais da saúde, em especial enfermeiros que mesmo antes do término da graduação sentem-se seguros na utilização de medicamentos sem prescrição médica, levando em conta apenas o conhecimento que adquirem durante o curso (DOS SANTOS PORTO *et al.*, 2020).

Vale lembrar que não só se automedicar é irregular, você passar uma indicação também pode ser um problema, prescrever uma medicação para outra pessoa pode te dar pena de seis meses a dois anos de detenção e multa, que está escrita na PL 1.912/2021, tanto para quem ministrar ou aplicar produto para fins terapêuticos ou medicinais sem evidências concretas de sua eficácia no tratamento da doença (BRASIL, 2021).

No entanto, a automedicação é contraindicada e pode trazer sérios prejuízos à saúde. Como profissionais de saúde, é importante que os enfermeiros e enfermeiras estejam cientes dos riscos da automedicação e busquem ajuda médica adequada quando necessário. Caso

haja sintomas ou desconfortos que estejam afetando o profissional, é importante buscar o auxílio de um médico ou farmacêutico para avaliar o problema e prescrever o tratamento adequado. Além disso, os profissionais de enfermagem devem ter em mente que a automedicação é uma prática desaconselhável e que pode comprometer tanto sua saúde quanto sua carreira.

É comum perceber na vida cotidiana a familiaridade com que a automedicação é praticada, cultivando a ideia de que os medicamentos sempre são benéficos e resolvem todos os tipos de desconforto. A aceleração da vida contemporânea tem levado as pessoas a buscar soluções imediatas para suas aflições.

Muitas drogas são vendidas como uma fórmula mágica para aliviar as angústias e dores da vida. Existe um forte apelo para o uso de medicamentos como forma de eliminar o desconforto. A indústria farmacêutica explora esse desejo através do marketing como a exposição de propagandas, retratando pessoas alegres e saudáveis após o uso do medicamento anunciado. A saúde passou a ser vista como mais um bem de consumo, adquirido por meio da medicação, onde se tornou um setor bem visto por grandes investidores.

Diante disso, a propaganda e o acesso irrestrito a determinados medicamentos facilitam a prática da automedicação, corroborando a suposição de que essa prática é comum entre os brasileiros. Dentre as pessoas que buscam alívio nos medicamentos, destacam-se os profissionais da saúde, que além de serem mais suscetíveis à automedicação devido ao seu conhecimento sobre medicamentos, também enfrentam um alto nível de estresse e pressão em seus trabalhos, o que pode incentivá-los a procurar alívio imediato para os sintomas.

Além disso, é importante lembrar que a automedicação pode ser perigosa por vários motivos. Por exemplo, pode ser que a pessoa esteja tratando o sintoma errado, ou que a medicação que ela está tomando tenha interações perigosas com outras medicações que ela está tomando. Também pode haver efeitos colaterais que a pessoa não esteja ciente, e em alguns casos, a medicação pode realmente piorar a condição que está tentando tratar.

Nesse contexto, é importante ressaltar que a frase "se os sintomas persistirem, consulte um médico", conforme recomendado pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), pode levar a população a buscar um profissional qualificado para prescrever o medicamento correto apenas após os sintomas não terem melhorado, o que promove a prática da automedicação. Essa questão é agravada pelo fácil acesso a certos medicamentos, que podem ser facilmente encontrados nas prateleiras e adquiridos sem nenhuma restrição.

Por isso, a automedicação deve ser desencorajada e as pessoas devem ser incentivadas a procurar atendimento médico profissional para qualquer condição de saúde. A educação sobre os riscos da automedicação e a promoção do uso racional de medicamentos pode desempenhar um papel importante na redução da automedicação.

Ademais, os governos e as organizações de saúde devem trabalhar para tornar o atendimento médico mais acessível e eficiente, de modo que as pessoas se sintam mais incentivadas a procurar ajuda médica profissional em vez de recorrer à automedicação. Isso pode envolver medidas como a redução dos custos do atendimento médico, a melhoria da eficiência dos serviços de saúde e a garantia de que os profissionais de saúde têm o tempo e os recursos necessários para atender adequadamente aos pacientes.

Por isso, a automedicação é um problema complexo que requer uma abordagem multifacetada para resolver. Isso inclui a educação do público, a reforma dos serviços de saúde e a regulamentação dos medicamentos disponíveis para compra sem receita. Com a combinação certa de medidas, é possível reduzir a automedicação e promover a saúde e o bem-estar em geral, até entre profissionais atuantes e acadêmicos da área da saúde.

2 METODOLOGIA

A Revisão Integrativa da literatura é um procedimento que abarca a inclusão de diversas metodologias de pesquisa, seja experimental ou não, na investigação e compreensão de uma questão em discussão (WHITTEMORE; KNAFL, 2005). Seguindo os pressupostos teóricos e metodológicos propostos por Whittemore e Knafl (2005), esta Revisão Integrativa foi dividida em fases: identificação da questão, pesquisa bibliográfica, avaliação dos dados, análise dos dados e apresentação da revisão de literatura.

A questão que direcionou esta Revisão Integrativa foi: "a falta de estudos com representatividade nacional sobre automedicação em profissionais da saúde no Brasil", a dificuldade para encontrar pesquisas com profissionais já atuantes, visto que quase toda gama são com não formados, ou seja, acadêmicos e graduandos.

As fontes de informação acessadas online para esta pesquisa incluíram: Google acadêmico, Scielo e BVS e relatórios técnicos de pesquisas por instituições da saúde e governo. A busca na literatura foi feita utilizando as palavras-chave "automedicação no Brasil", e incluídas patentes e citações para as pesquisas. Esta Revisão Integrativa considerou como critérios de inclusão: artigos científicos, Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) e Relatórios Técnicos de Pesquisa (TCR), publicados entre 2020 e 2023, em língua portuguesa,

e também foram avaliados artigos em língua inglesa. Foram excluídos os materiais que não estavam disponíveis na íntegra online, bem como duplicações.

Para avaliação, foi elaborado um quadro sinóptico, utilizado após aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, a fim de sintetizar e comparar os artigos selecionados. O instrumento de Ursi (2005) norteou a elaboração do quadro mencionado. Os artigos foram classificados segundo o nível de evidência, utilizando a classificação de Melnyk e Fineout-Overholt (2011). Nesta fase, foi realizada uma análise dos dados resumidos, com a ajuda do quadro sinóptico, verificando e comparando as informações obtidas pela síntese do conteúdo dos achados da pesquisa bibliográfica, a fim de identificar semelhanças e diferenças relevantes, especialmente visando identificar as lacunas do conhecimento.

A apresentação foi baseada na sistematização das informações inseridas no quadro de síntese. Foi realizada uma síntese dos resultados dos artigos selecionados, com o objetivo de discutir as contribuições destes para a temática da automedicação em profissionais da saúde no Brasil, identificando assim as lacunas da literatura.

3 RESULTADOS

A pesquisa realizada nas fontes de informação resultou na localização de 19 artigos. Esses documentos passaram por uma etapa inicial de triagem através da análise de títulos e resumos, culminando na seleção de 15 artigos para um estudo completo. Após esta fase de leitura completa, tendo em vista os critérios de inclusão, exclusão e as duplicações, a amostra final foi constituída de 8 artigos.

Em uma publicação de 2011, de Melnyk e Fineout-Overholt, sobre a qualidade das evidências, onde foi classificada em sete níveis de evidência (NE) e que eu trouxe para o presente artigo. No nível 1, onde estarão elas evidenciadas no quadro 1. As evidências são provenientes de revisão sistemática ou metanálise de todos relevantes ensaios clínicos randomizados controlados ou oriundas de diretrizes clínicas baseadas em revisões sistemáticas de ensaios clínicos randomizados controlados; nível 2, evidências derivadas de pelo menos um ensaio clínico randomizado controlado bem delineado; nível 3, evidências obtidas de ensaios clínicos bem delineados sem randomização; nível 4, evidências provenientes de estudos de coorte e de caso-controle bem delineados; nível 5, evidências originárias de revisão sistemática de estudos descritivos e qualitativos; nível 6, evidências derivadas de um único estudo descritivo ou qualitativo; nível 7, evidências oriundas de opinião de autoridades e/ou relatório de comitês de especialistas.

O conhecimento desse sistema de classificação de evidências fornece subsídios para ajudar os enfermeiros a avaliar criticamente os resultados da pesquisa e tomar decisões sobre a incorporação de evidências na prática clínica.

O Quadro 1 demonstra a distribuição dos resultados encontrados na revisão de literatura, categorizando o número total de artigos de acordo com a fonte das informações.

Quadro 1 – Quadro de síntese dos artigos incluídos na revisão integrativa.

Ano	Autores	Título	Procedência	Periódico	NE
1 2023	ARAÚJO et al	Automedicação por acadêmicos do curso de farmácia de uma instituição de ensino superior privada no interior da Bahia.	Vitoria da Conquista/BA	Brazilian Journal of Development	6
2 2022	SANTOS et al.	Automedicação entre estudantes de enfermagem e medicina no Brasil: revisão integrativa.	Brasil- Mato Grosso	Research, Society and Development – Traduzido: “Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento”	5
3 2020	DOS SANTOS PORTO et al.	Fatores associados à automedicação em estudantes de enfermagem e enfermeiros: revisão integrativa de literatura.	Brasil	Revista Eletrônica Acervo Saúde	5
4 2020	DE BORBA	A importância do farmacêutico em relação à prática da automedicação.	Brasil- Dourados	PGSS Cogna (Faculdade Anhanguera)	6
5 2020	PRÍNCIPE et al	Automedicação nos estudantes do ensino superior da saúde.	Brasil	RIIS	6
6 2022	SOUZA	Papel do farmacêutico na automedicação e uso off-label durante a pandemia da covid-19: revisão integrativa.	Brasil- Cuité/PB	UFCG	5
7 2020	DE SOUZA et al	Prevalência da prática de automedicação entre estudantes de psicologia: um estudo transversal.	Brasil	Brazilian Journal of Development Curitiba	6
8 2021	XAVIER et al	Automedicação e o Risco à saúde: Uma Revisão de Literatura.	Brasil	Brazilian Journal of Health Review	5

Fonte: Os autores (2023).

4 DISCUSSÃO

Segundo De Borba (2020) sabe-se que a atenção farmacêutica tem um papel importante, podendo contribuir para a diminuição desta prática, pois atenta para o uso racional dos medicamentos, evitando a ocorrência de efeitos indesejáveis, reações adversas e até mesmo intoxicação medicamentosa. A prescrição farmacêutica é de grande

utilidade no sentido de transformar a automedicação em uma indicação farmacêutica criteriosa, favorecendo assim, o uso racional de medicamentos.

Foi constatado fazendo revisão na leitura de Porto *et al.* (2020) que a incidência de automedicação tende a ser maior entre indivíduos com mais de um emprego, para os profissionais de enfermagem, as situações vivenciadas no dia a dia com longas jornadas de trabalho, remuneração inadequada, acumulação das escalas de serviço, distúrbios físicos e psíquicos e a exposição prolongada ao estresse podem causar comprometimentos significativos em sua saúde. Pois alguns fatores são favoráveis para o desencadeamento de doenças em profissionais de enfermagem: a sobrecarga de trabalho, dificuldade em delimitar papéis e funções entre esses profissionais, problemas nas relações interpessoais, além da falta de reconhecimento no seu trabalho e que esses fatores acometem ao estresse e a uma possível falha no autocuidado.

O estresse acomete o enfermeiro de forma tão avassaladora que o leva a utilizar psicofármacos, numa forma de aliviar as tensões diárias, o estresse é ser caracterizado como um desgaste do organismo, relacionado a situações onde o indivíduo é forçado ao limite, causando irritação e negação. (PORTO *et al.*, 2020).

Evidenciou-se o risco da automedicação por estudantes e profissionais enfermeiros, sendo que o conhecimento sobre os medicamentos corresponde a 37% dos fatores sociais onde constatou no estudo, o estresse foi citado em 27% dos casos além da sobrecarga e a falta de tempo para ir às consultas médicas (18%) (PORTO *et al.*, 2020).

Com base nos dados, Dos Santos *et al.* (2022) o principal uso na automedicação entre os profissionais de saúde, são com os medicamentos que são mais usados, que incluem anti-inflamatórios, antibióticos e medicamentos para gripe. Outros fármacos citados incluem corticosteroides, gastroprotetores, relaxantes musculares, antiespasmódicos, antidepressivos, hormonais, anti-histamínicos e vitaminas. A alta taxa de automedicação entre pessoas com dores de cabeça pode dificultar a prevenção, já que a maioria só trata os surtos se eles se automedicarem.

Um estudo realizado em Curitiba, com 144 graduandos de psicologia maiores de 18 anos, do primeiro ao décimo período, da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). No ato da pesquisa da pesquisa, havia no curso 310 alunos com matrícula ativa. Portanto e que, portanto, essa amostra representou 46,4% da população estudada. A fim de analisar o perfil socioeconômico dos participantes, a prevalência do uso de plantas medicinais e/ou medicamentos, e o conhecimento destes sobre espécies vegetais com potencial terapêutico, bem como sobre os limites e riscos da automedicação, utilizou-se um questionário fechado

construído pelos próprios autores, composto por questões referentes a sexo, idade, estado civil, cidade que reside, renda familiar, período que está cursando, serviço de saúde que utiliza, prática de automedicação e indicação de alopáticos e fitoterápicos, frequência e finalidade do uso, fonte de informação, e considerações sobre o risco, ou não, da prática de automedicação (DE SOUZA *et al.*, 2020).

No resultado da análise dos dados sociodemográficos desta pesquisa, constatou-se que a média de idade dos participantes foi de 23,6 anos, com idades variando de 18 anos a 47 anos. Da amostra total de 144 estudantes, a maioria (68,7%) era do gênero feminino; solteira (o) (86,8%); com renda mensal entre 1 e 3 salários mínimos (58,3%); residente em Campina Grande-PB (82,6%), cidade na qual estudava; e cursando do primeiro ao terceiro período de psicologia (44,7%) (DE SOUZA *et al.*, 2020).

Quando questionados sobre a prática de automedicação, um total de 123 participantes (85,4%) afirmaram fazê-la, e a maior parte destes (91%) declararam realizá-la apenas quando sentiam necessidade. Foi verificada uma associação significativa entre o gênero dos participantes e a prática de automedicação com alopáticos ($\chi^2 = 6,737$; $gl = 1$; $p < 0,05$). Pôde-se observar que a quase totalidade dos indivíduos da amostra do gênero feminino (91%) se automedicavam com alopáticos. Na amostra masculina, apesar de uma grande parcela também se automedicar, observou-se uma diferença de proporção de aproximadamente três vezes maior aos que não se automedicavam (DE SOUZA *et al.*, 2020).

Nos acadêmicos de psicologia entre os que praticavam a automedicação, 89 (71,7%) relataram as descrições dos medicamentos. Houve a prevalência das seguintes substâncias: Dipirona (76,4%); Cafeína (51,6%); Paracetamol (43,8%); Ibuprofeno (35,9%); Citrato de Orfenadrina (31,6%) e Diclofenaco Sódico (11,2%). A prevalência da automedicação entre os estudantes de psicologia observada neste estudo (85,4%) é semelhante a outras pesquisas com o público universitário (DE SOUZA *et al.*, 2020).

Portanto nos resultados de De Souza *et al.* (2020) demonstrou-se que apenas 40 estudantes que praticavam automedicação (32,2%), tinham como principal fonte de informações a bula do medicamento. Na maior parte dos casos (65,8%), os indivíduos que se automedicavam buscavam informações com familiares e amigos, e uma proporção menor (20,3%) usava a internet e/ou a televisão. Isso significa que a maior parte dos discentes que se automedicavam, buscavam informações em fontes não formalizadas ou não regulamentadas (86,1%).

Outro grande perigo também que pode ser evidenciado foi que 73,6% dos estudantes de psicologia da pesquisa de De Souza *et al.* (2020) faziam indicações de fármacos, e as

substâncias mais citadas eram as mesmas referidas no uso, adicionando-se apenas a substância Carisoprodol (constituente ativo de medicamentos do tipo relaxante muscular). Esta substância ficou em 6º lugar na classificação dos medicamentos mais utilizados, representando 8,58% das citações. O psicólogo em nenhuma hipótese pode prescrever ou receitar algum medicamento, ainda mais se tratando de acadêmicos, essa função é exclusiva do profissional médico.

4.1 Sintomas que levam a automedicação

Pelo que foi percebido, em Dos Santos Porto *et al.* (2020) a automedicação muitas vezes acontece porque as pessoas obtêm bons resultados e continuam consumindo, o que acarreta danos à saúde, e o uso indiscriminado desses fármacos pode trazer consequências para o indivíduo quando não há acompanhamento médico ou até uma assessoria farmacêutica, sendo está uma prática que pode resultar uma enfermidade ou até mesmo prejudicar um tratamento adequado (DOS SANTOS PORTO *et al.*, 2020). Contudo, a automedicação ocasiona a longo ou curto prazo efeitos adversos de forma assintomática e sintomática (XAVIER *et al.*, 2021).

Nesse cenário é preciso desenvolver estratégias de controle da automedicação, com foco em avaliar e entender como as pessoas adquirem, armazenam e usam os medicamentos, identificando perfis de indivíduos que se automedicam e entendendo o que leva sua população a praticar essa prática. E na saúde não é diferente, como em um hospital, UPA 24 horas, ou até mesmo uma unidade básica de saúde família, os medicamentos sempre vão estar lá, os trabalhadores tem acesso facilitado, e muita das vezes por falta de fiscalização, em conjunto com a soma do conhecimento de quem atua na área administrando medicamentos rotineiramente prescritas pelo médico, isso quando precisam vão lá e se automedicam porque aprendem na pratica e acha que sabe para que tal fármaco serve, mas muita das vezes não lembra e não sabe dos efeitos adversos.

Sendo assim, percebe-se que a prevalência de automedicação no Brasil e no mundo caracteriza-se como um agravo de saúde pública, e que as políticas públicas veem contribuindo para a diminuição dessa prática. No que se refere à aquisição desses medicamentos, a prática estabeleceu-se de maneira legítima e legal, em virtude das classes dos medicamentos que geralmente são adquiridos sem receita médica. Nesse ponto, é imprescindível a atuação dos médicos como provedores de saúde, fornecendo orientações para os pacientes sobre a automedicação corroborando assim com as medidas públicas (XAVIER *et al.*, 2021).

Em De Souza *et al.* (2020), as causas dos problemas de saúde que levaram os acadêmicos da graduação de psicologia a se automedicarem são: dor de cabeça (45,2%); cólica (23,4%); dores em geral (16,1%); febre (14,5%); alergia (12,9%); dor/inflamação na garganta (12,1%); e gripe/resfriado com (12,1%).

Em estudo com estudantes farmacêuticos baianos, a automedicação foi frequente para tratar tosse, resfriado, dor de cabeça e febre e os medicamentos mais utilizados de forma indiscriminada são os anti-inflamatórios não esteroides e os esteroides. Vale lembrar que muitos ali eram estudantes prestes a se formarem e que hoje já estão no mercado de trabalho, portanto são profissionais atuantes, ficou claro que a prática da automedicação entre os estudantes do curso de farmácia, é bem preocupante. Visto que eles serão futuramente profissionais de saúde, e, portanto, irá orientar os seus pacientes e se responsabilizar sobre o uso racional de medicamentos (ARAÚJO *et al.*, 2023).

Participaram desta pesquisa 164 estudantes do curso de farmácia, em uma instituição privada do Interior da Bahia, no ano de 2021 (Tabela 1). A maioria dos entrevistados são do gênero feminino (73,2%), com faixa etária entre 18 a 30 anos, com predominância da faixa etária de 24-30 anos de (41,5%), conforme Tabela 1.

Tabela 1- Perfil sociodemográfico dos estudantes do curso de farmácia, de uma instituição de ensino superior privada.

Variáveis	N%
Gênero	
Feminino	120 (73,2%)
Masculino	43 (26,2%)
Outros	1 (0,6%)
Faixa etária	
18-20	19 (11,6%)
21-23	47 (28%)
24-30	67 (41,5%)
>30	31 (18,9%)
Período letivo	
1-3°	21 (12,8%)
4-7°	33 (20,1%)
8-10°	110 (67,1%)

Fonte: Araújo et al. (2023).

A seguir uma segunda tabela, onde se evidencia que a prática da automedicação entre os estudantes do curso de farmácia, é bem preocupante. Nela está associado a quais períodos letivos que tiveram mais prevalência do uso de medicamentos sem prescrição por estudantes do curso de farmácia, de uma instituição de ensino superior privada no interior da Bahia.

Tabela 2- Dados sobre o estudo em uma instituição de ensino superior privada no interior da Bahia.

Período letivo vigente Variável	1-3º Nº(%)	4-7º Nº(%)	8-10º Nº(%)	Valor de p
Gênero				
Feminino	20 (95,2%)	28 (84,8%)	12 (35,3%)	0,004*
Masculino	1 (4,8%)	5 (15,2%)	38 (34,5%)	
Idade				
18-30	15 (71,4%)	28 (84,8%)	81 (79,1%)	0,493
> 30	6 (28,6%)	5 (15,2%)	23 (20,9%)	
Automedicação				
Sim	18 (85,7%)	32 (97%)	100 (90,9%)	0,331
Não	3 (14,3%)	1 (3%)	10 (9,1%)	
O medicamento era para uso:				
Próprio	14 (70%)	21 (63,6%)	66 (60,6%)	0,826
Familiares	2 (10%)	2 (6,1%)	14 (12,8%)	
Amigos	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (1,8%)	
Ambos	4 (20%)	10 (30,3%)	27 (24,8%)	
Aconcelhou-se com o balconista e o farmacêutico?				
Sim	15 (78,9%)	18 (54,5%)	41 (42,1%)	0,011*
Não	4 (21,1%)	15 (45,5)	47 (42,7%)	
Instruções do Bulário				
Sim	15 (71,4%)	30 (90,9%)	88 (80,1%)	0,182
Não	6 (28,6%)	3 (9,1%)	21 (19,3%)	
Reações adversas				
Sim	2 (10%)	2 (6,1%)	2 (1,8%)	0,149
Não	18 (90%)	31 (93,9%)	107 (98,2%)	
Motivos (doenças)				
Alergia	0 (0,0%)	1 (3,1%)	4 (3,8%)	0,669
Cólica	1 (5,9%)	5 (15,6%)	3 (2,8%)	
Dor de Cabeça	1 (5,9%)	2 (6,3%)	13 (12,3%)	
Dor de Dente	2 (11,8%)	3 (9,4%)	7 (6,6%)	
Inflamação de garganta	6 (35,3%)	14 (43,8%)	39 (36,8%)	
Dor Muscular	0 (0,0%)	1 (3,1%)	1 (0,9%)	
Febre	1 (5,9%)	1 (3,1%)	7 (6,6%)	
Inchaço no Tornozelo	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (1,9%)	
Infecção Dermatológica	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (0,9%)	
Infecção Intestinal	0 (0,0%)	1 (3,1%)	0 (0,0%)	
Infecção Urinária	3 (17,6%)	2 (6,3%)	11 (10,4%)	
Inflamação	2 (11,8%)	2 (6,3%)	9 (8,5%)	
Lesão Tecidual	1 (5,9%)	0 (0,0%)	3 (2,8%)	
Anti-inflamatórios Não Esteroides				
AAS	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (0,9%)	0,915
Celecoxibe	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (0,9%)	
Cetoprofeno	1 (4,8%)	0 (0,0%)	3 (2,8%)	
Diclofenaco de potássio	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (0,9%)	

Diclofenaco de Sódio	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (0,9%)
Dipirona	7 (33,3%)	6 (18,2%)	30 (28,3%)
Ibuprofeno	7 (33,3%)	11 (33,3%)	24 (22,6%)
Meloxicam	0 (0,0%)	1 (3%)	4 (3,8%)
Naproxeno	0 (0,0%)	0 (0,0%)	4 (3,8%)
Nimesulida	4 (19%)	9 (27,3%)	28 (26,4%)
Paracetamol	1 (4,8%)	4 (12,1%)	8 (7,5%)
Piroxicam	1 (4,8%)	2 (6,1%)	1 (0,9%)

Fonte: Araújo *et al.* (2023).

Em suma, 97% dos estudantes de ensino superior entre o 4-7º realiza o uso irracional de medicamentos, com associação estatística não significativa. Tal observação encontra-se semelhante à pesquisa de Príncipe *et al.* (2020) demonstrando que 93,4% dos estudantes da área de saúde praticam a automedicação.

4.2 Motivos para automedicação

No estudo de De Borba (2020) que pretendeu analisar os problemas causados através da automedicação. Os motivos são as pressões sociais as quais estão submetidos no ambiente de trabalho, a estrutura do sistema de saúde e o marketing farmacêutico são habitualmente citados como fatores envolvidos nessa problemática, pois a utilização de medicamentos é a forma mais comum de terapia em nossa sociedade.

O estudo evidenciou o uso da prática da automedicação entre os alunos de enfermagem e medicina, com aumento significativo nos períodos finais do curso. O conhecimento adquirido e acumulado ao longo do curso está relacionado com uma maior confiança na prática de automedicação, principalmente entre estudantes do sexo feminino. Os fármacos mais utilizados na automedicação são os analgésicos/antitérmicos, seguidos de longe pelos antibióticos, antigripais e antialérgicos. Com exceção dos antibióticos, os demais são medicamentos isentos de prescrição, o que facilita a aquisição, mas não impede que o uso incorreto possa causar danos à saúde (DOS SANTOS *et al.*, 2022).

As razões para a alta prevalência de automedicação entre os trabalhadores de enfermagem com base nas experiências já vistas e as práticas observadas com esses trabalhadores em algumas situações, de acordo com suas necessidades, pelo fato dos enfermeiros terem conhecimento sobre os medicamentos disponíveis, suas ações e geralmente por terem fácil acesso a eles, são propícios à autocura em seus ambientes de trabalho.

Em uma pesquisa postada pelo departamento de ciências farmacêuticas - DCF, publicada no mês de junho de 2020, que fala num contexto geral sobre os medicamentos mais

comuns na prática da automedicação no Brasil, de acordo com ICTQ (Instituto de Pesquisa e Pós-Graduação), foram os: analgésicos (48%), anti-inflamatórios (31%), relaxantes musculares (26%), antitérmicos (19%), descongestionantes nasais (15%), expectorantes (13%), antiácidos (10%) e antibióticos (10 %) (ICQT, 2018). Nesse estudo, as reações adversas mais comuns são:

Quadro 2 - Classificação das reações adversas mais comuns por classe de medicamentos.

Classificação	Medicamentos mais comuns:	Reações adversas:
Analgésicos e Antitérmicos	Dipirona, paracetamol	Náuseas, vômitos, dores abdominais, lesões hepáticas e problemas hematológicos.
Anti-inflamatórios	Ácido Acetilsalicílico, Ibuprofeno, Nimesulida e Diclofenaco (entre outros)	Problemas gastrointestinais, renais e cardiovasculares.
Relaxantes musculares	Ciclobenzaprina, Carisoprodol e Orfenadrina	Alterações neurológicas como: confusão mental; secura da boca, alterações visuais e anormalidades do batimento cardíaco.
Expectorantes	Acetilcisteína, Cloridrato de Ambroxol, Iodeto de Potássio (entre outros)	Cefaléia, náuseas, vômito, diarreia, estomatites, refluxo, exantema, sonolência e erupções cutâneas.

Fonte: Universidade Federal da Paraíba- UFPB. Publicado 07/06/2020

Portanto, devido aos inúmeros problemas associados ao abuso indevido de remédios, a OMS decidiu desenvolver uma estratégia global para tentar reduzir os danos graves e evitáveis associados a medicamentos em todos os países nos próximos cinco anos, denominada Global Patient Safety Challenge on Medication Safety. Para atingir as metas impostas, será necessário mobilizar e engajar órgãos de saúde, reguladores, profissionais de saúde e a população em geral de forma ampla (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2017).

Além disso, vários fatores influenciam a população na prática da automedicação, como a falta de acesso aos serviços de saúde e o impacto da publicidade nos medicamentos de venda livre. A automedicação é cada vez mais incentivada, pois grande parte das pessoas através da publicidade desenvolve a ideia errônea de que esses medicamentos de venda livre são inofensivos à vida (DE SOUZA LEAL *et al.*, 2021).

4.3 Aceitação e conhecimento da automedicação em profissionais da saúde

É notório que o profissional de enfermagem tem fácil acesso a fármacos psicotrópicos, automedica-se e controla a quantidade do medicamento conforme seus próprios critérios. Nesses casos, haveria a disponibilidade de conseguir uma receita médica através de suas relações interpessoais com os colegas, sem o acompanhamento do tratamento.

Vale lembrar que a prática de automedicação pode ser comum entre os próprios médicos, que geralmente se sentem capazes de prescrever a si mesmos quando estão doentes, mas que são proibidos, em alguns casos! Segundo o Conselho Federal de Medicina, não há proibição legal para a automedicação. Portanto, em geral, os médicos podem prescrever a si mesmos, exceto nos casos em que não podem conter substâncias entorpecentes e psicoativas.

Se tratando de farmacêuticos na Bahia, mas referindo-se apenas ao conhecimento sobre medicamentos que não requerem prescrição médica, os acadêmicos de farmácia não estão preocupados com os possíveis efeitos colaterais que os anti-inflamatórios podem ocasionar (ARAÚJO *et al.*, 2023).

No entanto, o uso de medicamentos que não requerem prescrição foi mais pronunciado entre farmacêuticos e profissionais de enfermagem. Acredita-se que o conhecimento sobre medicamentos seja um fator importante para o uso indiscriminado destes entre os profissionais da saúde. Diversos fatores têm dificultado a comparação entre as prevalências de automedicação nos estudos, devido à diversidade de métodos adotados nas pesquisas. Essa situação é exacerbada pela composição das populações estudadas que se mostram significativamente diferentes. Algumas investigações se concentraram exclusivamente em uma categoria de profissionais de saúde, enquanto outras não.

Ademais, a janela temporal considerada para investigar a prática de automedicação (período recordatório) variou entre os estudos, ou por vezes, não foi explicitada. Essas variáveis se mostraram restritivas para uma análise comparativa dos resultados encontrados, assim como a situação em que alguns estudos enfocaram especificamente a automedicação em relação a determinados tipos de medicamentos.

No entanto, a avaliação dos artigos conduz à conclusão de que a prevalência de automedicação entre profissionais de saúde é preocupantemente alta, mesmo quando consideramos as menores frequências observadas, dado o impacto que isso pode ter na saúde desses trabalhadores.

Levando em conta as especificidades dos resultados e o baixo nível de evidência dos artigos, é possível inferir que a prevalência da automedicação em profissionais de saúde é semelhante à da população em geral. Mas segundo uma pesquisa postada pelo departamento

de pesquisas ICTQ sobre a automedicação no Brasil, ela é uma prática adotada por 76,4% dos brasileiros, segundo estudo realizado em 12 capitais do país. A prática de automedicação mostrou-se diversa entre as capitais pesquisadas, com as seguintes prevalências por cidade: Porto Alegre/RS (96,2%); Florianópolis/SC (96%); Recife/PE (92%); Fortaleza/CE (91,4%); Curitiba/PR (83,1%); Salvador/BA (83%); Belém/PA (78%); Belo Horizonte/MG (66%); Rio de Janeiro/RJ (65%); Manaus/AM (53%); São Paulo/SP (49%) e Brasília/DF (35%) Fonte: ICTQ – Instituto de Pesquisa e Pós-Graduação para o mercado farmacêutico.

Onde diz que no Brasil, 79% das pessoas com mais de 16 anos admitem tomar medicamentos sem prescrição médica ou farmacêutica. O percentual é o maior desde que a pesquisa começou a ser feita pelo Instituto de Ciência, Tecnologia e Qualidade (ICTQ). Em 2014, 76,2% diziam automedicar-se e em 2016, 72%.

Os médicos se destacam na prática da automedicação, mas o consumo de medicamentos que não exigem prescrição também é acentuado entre farmacêuticos e profissionais de enfermagem. Acredita-se que o conhecimento desses profissionais sobre os medicamentos seja um fator determinante para o uso indiscriminado desses medicamentos. No entanto, a responsabilidade médica pela prescrição de medicamentos contribui para as altas taxas de automedicação nessa categoria.

A inquietação parece ser ainda maior a respeito do consumo de medicamentos que estão disponíveis sem necessidade de prescrição médica, pois, apesar de serem de fácil acesso, não são isentos de potenciais riscos para a saúde. Nos estudos contemplados na revisão integrativa, a utilização desses fármacos mostrou-se surpreendentemente alta, chegando a ser um hábito diário entre os profissionais da área de saúde.

Os remédios que podem ser adquiridos sem receita médica proporcionam ao indivíduo a capacidade de tratar seus próprios sintomas, incentivando a autogestão da saúde. No entanto, é fundamental que a pessoa possua um entendimento adequado sobre o medicamento que pretende utilizar, bem como a consciência de que seu uso deve ser limitado a um período de tempo breve, para garantir um uso responsável e seguro. Diante da alta taxa de uso e da frequência notável, especula-se que além do uso indiscriminado, pode estar ocorrendo um abuso desses medicamentos. Nesse contexto, esses profissionais, ao mesmo tempo que concordam com, praticam e abusam da automedicação, acabam comprometendo a própria saúde.

Se assumirmos que a população em geral possa ter uma compreensão limitada sobre o assunto, os profissionais de saúde seriam os encarregados de orientar sobre os medicamentos e o uso adequado, além de esclarecer sobre os danos e consequências da automedicação. No

entanto, como podemos esperar que isso aconteça, se esses mesmos profissionais, mesmo possuindo a devida formação e conhecimento sobre o tema, ainda assim fazem uso imprudente de medicamentos, ignorando os riscos associados?

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em meio à complexidade inerente ao mundo moderno, a automedicação emerge como uma prática frequente e preocupante, especialmente entre os profissionais de saúde e de forma ainda mais notável entre os profissionais não médicos. A facilidade de acesso a medicamentos isentos de prescrição tem desencadeado um fenômeno de autogestão de saúde que, embora possa parecer positivo à primeira vista, carrega consigo uma série de riscos que não podem ser ignorados.

A análise detalhada realizada neste artigo revelou que o uso desses medicamentos é surpreendentemente alto, tornando-se uma rotina diária para muitos. Isso é particularmente verdadeiro entre profissionais de saúde, muitos dos quais parecem se sentir capacitados a se automedicar devido ao seu conhecimento na área. No entanto, é vital lembrar que o conhecimento técnico em saúde não substitui uma avaliação médica personalizada, que leva em consideração uma variedade de fatores como histórico médico, idade, peso e outras condições de saúde.

Em relação à automedicação, destaca-se que o empoderamento do indivíduo para o autocuidado é um fenômeno duplamente perigoso. Por um lado, promove a autonomia e a responsabilidade pelo bem-estar pessoal. No entanto, por outro lado, abre margem para uma série de práticas potencialmente prejudiciais, como o uso prolongado e indevido de medicamentos, o desconhecimento das contraindicações e efeitos colaterais, além do uso de medicamentos incompatíveis.

Dada a frequência alarmante de uso e a possibilidade de abuso desses medicamentos, não se pode deixar de expressar que isso é uma preocupação. Não é apenas a saúde do indivíduo que está em jogo, mas a qualidade do atendimento prestado a outros. Profissionais de saúde que se automedicam correm o risco de prejudicar a própria saúde e, por consequência, a eficácia do seu trabalho.

Essa pesquisa também destacou o papel crucial dos profissionais de saúde na educação da população em geral sobre o uso adequado de medicamentos. No entanto, a questão que se impõe é: como esses profissionais podem servir de orientação efetiva se eles próprios estão envolvidos em práticas de automedicação inadequadas?

O uso indevido de medicamentos por profissionais de saúde, que possuem conhecimento suficiente para entender os riscos envolvidos, é um paradoxo que precisa ser devidamente abordado. Para tanto, torna-se fundamental a promoção de políticas e práticas que conscientizem esses profissionais sobre os perigos da automedicação.

A presente análise deste artigo evidencia a necessidade de ações educativas direcionadas aos profissionais de saúde, com ênfase na promoção do uso racional de medicamentos. Programas de formação contínua poderiam incluir tópicos relacionados à farmacovigilância e ao uso responsável de medicamentos, com o intuito de minimizar a prática da automedicação.

Também destacamos a importância de estratégias de comunicação eficazes que sensibilizem os profissionais de saúde para os riscos associados à automedicação. Estas poderiam incluir desde campanhas em mídias sociais até workshops e seminários educativos.

Uma solução possível poderia envolver a restrição do acesso a medicamentos sem prescrição para profissionais de saúde não médicos, limitando assim a possibilidade de automedicação. Isso, no entanto, necessitaria de uma análise cuidadosa das implicações práticas e éticas.

Em conclusão, a questão da automedicação entre profissionais de saúde é complexa e multifacetada. Ainda que a solução não seja simples, acreditamos que uma combinação de educação, conscientização e, possivelmente, restrição de acesso a medicamentos, poderia resultar em uma diminuição significativa desta prática perigosa.

Portanto, é de suma importância que as políticas de saúde públicas e privadas priorizem a educação em saúde, reforçando o uso responsável de medicamentos entre profissionais de saúde. Em longo prazo, esta estratégia poderia não apenas melhorar a saúde desses profissionais, mas também a qualidade do atendimento aos pacientes.

Encoraja-se que pesquisas futuras sejam realizadas para continuar explorando esta problemática, assim como a implementação de estratégias preventivas para minimizar os riscos associados à automedicação, e assim poderemos trabalhar para criar um sistema de saúde mais seguro e eficaz para todos.

6 REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Clerislane Silva; ROCHA, João Marcos Rodrigues; DE SOUZA, Enzo Costa. Automedicação por acadêmicos do curso de farmácia de uma instituição de ensino superior privada no interior da Bahia. **Brazilian Journal of Development**, v. 9, n. 4, p. 13584-13595, 2023.

BRASIL. ANVISA, PROJETO EDUCAÇÃO E PROMOÇÃO DA SAÚDE NO CONTEXTO ESCOLAR: O contributo da Agência Nacional de Vigilância Sanitária para o uso racional de medicamentos. 2007. **Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa)**. Disponível em: <http://portal.anvisa.gov.br/documents/33856/397807/caderno_professor.pdf/4c4a31ba-aa1c-44dd-b042-05285fb7efdc>. Acesso em: 12 jun. 2023.

DE BORBA, Cassilandro Augusto. A importância do farmacêutico em relação à prática da automedicação. 2020.

DE LUCA, Marília Mendes et al. Automedicação entre profissionais da saúde durante a pandemia da COVID-19. **Research, Society and Development**, v. 12, n. 4, p. e1212440764-e1212440764, 2023.

DE SOUZA, Josinaldo Furtado et al. Prevalência da prática de automedicação entre estudantes de psicologia: um estudo transversal. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 12, p. 98105-98116, 2020.

DE SOUZA LEAL, Washington et al. Análise da automedicação durante a pandemia do novo coronavírus: um olhar sobre a azitromicina. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 7, n. 8, p. 580-592, 2021.

DOS SANTOS, Thaís Martins et al. Automedicação entre estudantes de enfermagem e medicina no Brasil: revisão integrativa. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 2, p. e54111213760-e54111213760, 2022.

DOS SANTOS PORTO, Tatiana Naiana Rodrigues et al. Fatores associados à automedicação em estudantes de enfermagem e enfermeiros: revisão integrativa de literatura. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 12, n. 10, p. e4111-e4111, 2020.

EBRAHIM, H.; BALBISI, M.; AMBIZAS, E. Self-medication with nonprescription medications in Saudi Arabia: a cross-sectional pharmacoepidemiological study. **PLoS ONE**, v. 5, n. 10, p. e13555, 2010.

ICQT: Pesquisa, Automedicação entre profissionais e acadêmicos no Brasil. **Instituto de Pesquisa e Pós-Graduação para o mercado farmacêutico**, 2018. Disponível em: <<https://ictq.com.br/pesquisa-do-ictq/871-pesquisa-automedicacao-no-brasil-2018>>. Acesso em: 07 de jun. 2023.

LIMA, José Marcos da Silva. **A prática da automedicação por universitários**. 2021.

MELNYK, Bernadette Mazurek; FINEOUT-OVERHOLT, Ellen. **Evidence-based practice in nursing & healthcare: A guide to best practice**. Lippincott Williams & Wilkins, 2022.

MORRETTO, Andressa Cristina et al. **Descarte de medicamentos: como a falta de conhecimento da população pode afetar o meio ambiente**. 2020.

OMS: ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (org.). Patient safety: The third WHO Global Patient Safety Challenge: Medication Without Harm. 2017. **Organização Mundial da Saúde**. Disponível em: <<https://www.who.int/patientsafety/medication-safety/en/>>. Acesso em: 15 de jun. 2023.

PRÍNCIPE, Fernanda et al. Automedicação nos estudantes do ensino superior da saúde. **Revista de Investigação & Inovação em Saúde**, v. 3, n. 2, p. 21-28, 2020.

QUEIROZ, Solange Lopes et al. A influência da mídia sobre a automedicação e o papel do farmacêutico para promover o uso racional de medicamento. **SAÚDE & CIÊNCIA EM AÇÃO**, v. 8, n. 1, p. 130-145, 2022.

SOUZA, Larissa Fernandes de et al. Papel do farmacêutico na automedicação e uso off-label durante a pandemia da covid-19: revisão integrativa. **Universidade Federal de Campina Grande**, 2022.

URSI, Elizabeth Silva. **Prevenção de lesões de pele no perioperatório: revisão integrativa da literatura**. 2005. Dissertação (Mestrado em Enfermagem Fundamental) - Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2005. doi:10.11606/D.22.2005.tde-18072005-095456. Acesso em: 07 de jun. 2023.

WHITTEMORE, R.; KNAFL, K. The integrative review: updated methodology. **Journal of Advanced Nursing**, v. 52, n. 5, p. 546-553, 2005. Disponível em: Disponível em: <<https://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.465.9393&rep=rep1&type=pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2023.

XAVIER, Mateus Silva et al. Automedicação e o risco à saúde: uma revisão de literatura. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 4, n. 1, p. 225-240, 2021.